

Girard é o candidato da Intersul

A Plenária da Eletrosul que aconteceu no final da semana passada em Florianópolis, com a presença de 160 trabalhadores da empresa, teve como ponto mais relevante a discussão sobre o representante da Intersindical para a Diretoria Administrativa da Fundação Elos e a importância do preenchimento deste cargo. Por consenso foi aprovado o nome da Claudius Girard, como candidato da Intersul, tendo como Conselheiro Fiscal Valcir Mazuco, de Tubarão e como suplente deste Quiroga, de Alegrete.

A plenária, que iniciou na terça-feira à tarde com um debate no auditório da sede da Eletrosul, teve uma grande participação das áreas descentralizadas, cujos empregados se dispuseram a viajar centenas de quilômetros para participar do fechamento da pauta da campanha 93-94. O que mais chamou atenção dos dirigentes sindicais da Intersul foi a baixa presença dos empregados da sede. Delman Ferreira, comentou que "o pessoal achou que preenchendo o formulário de sugestões para a pauta encerrava sua participação e acabou se acomodando".

Entre as cláusulas novas que serão inseridas na pauta está chamando a atenção a criação de um ombudsman, para a empresa. Todos os itens nacionais passarão pelo crivo do 7º Enel que está acontecendo este final de semana, em Belo Horizonte. A garantia de emprego e reajuste mensal de salário é outra bandeira da pauta deste ano.

Marcia Arendt, juíza do Centro de Promotorias do Ministério Público e Paulo Rangel, do CNE e diretor da

Fenadur, foram os convidados para abrir em debate a plenária. Os dois falaram da moralização dos serviços públicos. A juíza Arendt diz que a tendência universal de culparmos as instituições e desculparmos a sociedade por todos os erros e fraudes cometidas é "nos associarmos aos equívocos. Não podemos ser só testemunhas, mas agentes de mudanças. Esta tendência à inércia da sociedade brasileira tem que ser rompida. Não existe sociedade que tenha evoluído sem ter lutado por seus direitos. Temos que nos consorciar e juntos, com as entidades e associações representativas construir alguma coisa. Vocês patrulhando e vigiando a ação da administração e tendo como dever de comunicar qualquer desvio ao Ministério Público".

Paulo Rangel, centrou sua participação nas tentativas de privatização do setor elétrico. Ele disse que os projetos em andamento permitem privatizar o passado, "mas ninguém fala em financiamentos e investimentos para novas obras. O maior risco que temos pela frente é a reforma constitucional, ela irá inviabilizar todas nossas possibilidades de trabalho, como a contratação coletiva".

LINHA VIVA

Nº 238
19/08/93

Celesc retarda negociações

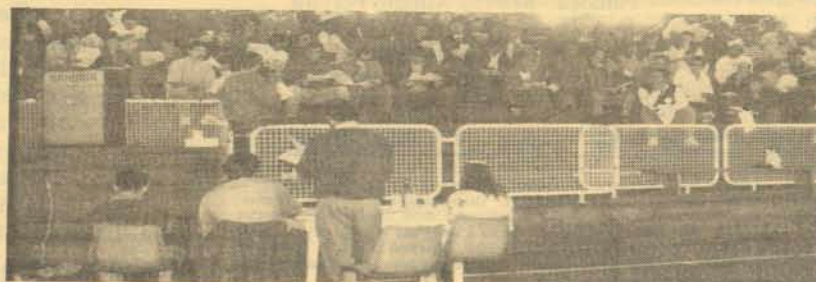


A primeira rodada de negociação da Intersindical com a Celesc acabou não acontecendo. Apesar de ter sido acertado um calendário que determinava duas reuniões por semana a partir do dia 16, a empresa informou os sindicatos de que está nomeando uma comissão de negociação que deverá negociar apenas no início de setembro, mas ainda sem data marcada.

Na avaliação da Intersindical este foi um mal sinal. "Vão querer embromar a negociação, como fizeram na Casan que tem data-base em maio e até agora não assinaram acordo", alerta João Paulo de Souza, diretor do Sinergia.

Os sindicatos avaliam que uma comissão de negociação só vai prejudicar o processo, especialmente na discussão das cláusulas de maior importância, como a garantia de emprego. A Intersindical acredita que a empresa vai tentar "disputar a categoria" para esvaziar as negociações.

"Na Casan eles já tem praticamente tudo acordado, mas falta a garantia de emprego, que o governo nega-se a conceder. Inclusive o governo está pretendendo excluir a estabilidade dos servidores públicos na revisão da Constituição. Imaginem como vai ser na Celesc se a categoria não fizer nada..", conclui João Paulo.



Plenária da Intersul teve maior representatividade das áreas descentralizadas

Sindicato das secretárias faz "assembléia fantasma"

O auto-intitulado Sindicato das Secretárias aprontou mais uma. Depois de ter passado vergonha em uma assembléia onde as secretárias da Celesc desautorizaram a "entidade" a negociar em seu nome junto à empresa, a diretoria convocou uma assembléia fantasma para desfazer o que a anterior resolveu.

Foi uma manobra sórdida. Primeiro, a convocação foi feita por um edital publicado do "Idíssimo" Diário Oficial do dia 6 de agosto. Depois

fez um jogo de palavras para parecer que a pauta da assembléia era diferente da anterior. Por fim, dia 9, realizou a tal assembléia longe do perigo representado pela base.

Na verdade a atitude não pode causar espanto em ninguém, pois é coerente com a prática deste "sindicato". A manobra busca tão somente garantir o desconto da contribuição sindical a favor da "entidade", mesmo que as secretárias não queiram pagar.

Plenária contrária à indicação de Plínio para Elos

A Plenária da Intersul, que aconteceu no final de semana passado decidiu, por unanimidade, manifestar sua contrariedade pela indicação de Plínio Azambuja Bueno, para ocupar o cargo de Superintendente da Fundação Elos. Uma moção aprovada pela plenária foi encaminhada à Diretoria Executiva da Eletrosul, ao Ministro das Minas e Energia e ao Ministro da Previdência. Na moção os eletricitários dizem que os motivos de sua contrariedade são a trajetória de Plínio como ex-superintendente da fundação e, também "sua ligação com a gestão anterior, cujas irregularidades são públicas, moti-

vos pelos quais não deveria assumir o cargo".

A moção solicita ainda que a Diretoria Executiva da empresa reveja a determinação de criar uma "Força Tarefa para examinar as pendências financeiras da Eletrosul com a Elos, adaptando-a ao pleito da Intersul, conforme correspondência, onde fica estabelecida a paridade (Eletrosul/Intersul) na composição desta comissão". É evidente, diz a moção, que os participantes na Fundação tem que estar representados em qualquer comissão que seja criada com objetivo de identificar e verificar eventuais irregularidades na mesma.



O governador Vilson Kleinubing disse, semana passada, que vai privatizar a Celesc. A empresa será loteada em seis partes e vendida em leilão. Quem deu a notícia foi o deputado Jarvis Gaidinzi, dono da Cecrisa, uma das maiores devedoras da Celesc.

Segundo o relatório deste ano da Federação Internacional de Sindicatos de Trabalhadores em Química, Energia e Indústrias Diversas foram as multinacionais de energia que compraram as empresas estatais privatizadas do setor no mundo inteiro. A federação mundial explica que agora todos estes Estados estão subordinando seus planos de desenvolvimento às forças de mercado, o que os torna irrealizáveis. Ou seja, como é que os futuros governadores de Santa Catarina poderão sustentar políticas que visem o desenvolvimento e a promoção social, sem a ajuda da Celesc?

Sintomaticamente a Shell do Brasil avisou, há algumas semanas, na Gazeta Mercantil, que vai participar da privatização do setor elétrico comprando usinas geradoras em operação ou em fase de construção, no sul do Brasil. Também, coincidentemente, quem vendeu as ações da Celesc, mês passado, foi o Banco Morgan Grenfell do Brasil, famoso por sua atuação monopolista no mercado energético norte-americano, que exigiu leis especiais do governo dos Estados Unidos para quebrar seu monopólio.

Celesc na mira de Kleinubing



O governador Kleinubing representa os conhecidos liberais que insistem naquela velha fórmula, defendida por Collor: privatizar os benefícios e nacionalizar as perdas. Por 55 anos os catarinenses puseram seu dinheiro na Celesc. Muitas vezes abriram mãos de investir em redes de esgoto, hospitais e escolas para canalizar suas forças na eletrificação do Estado. Santa Catarina, na década de 50 era atendida entre outras pela multinacional Amforp, e muito mal. Por isto os catarinenses compraram a multinacional e investiram. Quer dizer: assumimos as perdas.

Hoje a Celesc tem o maior índice brasileiro de eletrificação rural - 82% - que torna nossa agricultura tão forte. Hoje a Celesc fatura 360 milhões de dólares por ano. Hoje a Celesc, além de ser um orgulho e vital para os catarinenses, tem toda credibilidade da população, como demonstrou pesquisa recente. Por isto os "liberais" querem agora privatizar os benefícios. Kleinubing quer negociar um bem público, sem nenhuma consulta aos titulares deste capital. Um político, de passagem por quatro anos no comando do Estado, vai queimar tudo que levamos tanto tempo e com tanto sacrifício construindo.

TRUQUES DE MARKETING

Tudo isto lembra a história daquele moço que, pressionado, vendeu seus olhos para quitar uma dívida. O negócio foi concluído rapidamente e af ele começou a questionar sua decisão. Mas já era muito tarde para voltar atrás. Prevendo as reações contrárias, se der tempo

para a população pensar, Kleinubing começou a privatizar a Celesc pelas pontas, terceirizando os serviços; depois vendendo ações de forma nebulosa e, agora anunciando timidamente, num canto de jornal, a venda total da empresa.

Com certeza o governador não quer que os catarinenses saibam, por exemplo, qual foi a primeira privatização que ele fez. Foi no início do seu mandato de prefeito de Blumenau. Ele passou para a iniciativa privada os serviços de coleta de lixo da cidade. Agora terá que prestar contas à Justiça, porque além da visível deterioração dos serviços, a privatização beneficiou a empresa Cavo, que venceu a licitação.

Agora diz que a Celesc será loteada em seis pedaços. Seria como dividir Santa Catarina em várias Celesc. Todo mundo vai querer explorar a parte lucrativa. E quem ficará com o encargo de levar energia às propriedades rurais ou bairros pobres, com baixo consumo?

Você lembra quando foi que ficou um dia inteiro sem luz? É claro que não lembra, porque isto nunca mais aconteceu. Quando privatizarem a Celesc, musiquinhas do tipo "de dia falta água, de noite falta luz", verdadeiros hinos do tempo que esses serviços eram privatizados, vão voltar.

O governador, em nome da modernidade collorizada, quer jogar Santa Catarina 40 anos atrás.

(no próximo Linha Viva: "Cavo - a privatização à la Kleinubing" e mais informações sobre como andam as empresas privatizadas no mundo inteiro)

TRIBUNA LIVRE

Haja dedicação!

Arno V. Cugnier
Diretor do Sinergia

Administrar a Celesc e o PFL são tarefas distintas, mas perfeitamente conciliáveis, garantiu o senhor Raimundo Colombo, recentemente. Disse para o jornal A Notícia que, como presidente da Celesc visita o maior número possível de agências da empresa "ouvindo sugestões". Já como presidente do PFL e candidato a governador ele disse que defende o "fortalecimento das bases". Isto, entende o senhor Colombo só é possível "com visitas e valorização de lideranças".

Faltou que ele explicasse o mais importante: como é que ele torna estas coisas "conciliáveis"? Às custas de quem? De tanto fazer os dois papéis, ele acabou misturando as duas coisas "distintas".

A primeira pergunta que se faz: quem é que está pagando as despesas destas viagens? Depois: como é que ele separa a "valorização de lideranças" do PFL e "resolver questões locais" da Celesc? Contratando "assessores" como o senhor Salomão Peruzzo?

No dia 9 de agosto, depois de receber o respaldo do governador Kleinubing e do ex-ministro Jorge Bornhausen, o presidente regional do PFL e da Celesc disse que apostava num expressivo crescimento de sua popularidade a curto prazo. Segundo as pesquisas ele andava com um péssimo 2% de intenções de voto.

"Foi uma declaração de apoio extremamente significativa, que deu outra dimensão à minha campanha. A arrancada foi dada, agora é tocar para a frente, sem descanso", disse na ocasião. Tocar para a frente sua campanha ou a Celesc? Ou tocar para frente a Celesc para deslanchar sua campanha?

A Celesc precisa urgentemente de um administrador. De alguém que, em hipótese alguma, compactue com a cantilena liberal de seu "loteamento". De alguém que concentre todos seus esforços e atenção para defendê-la em nome da sociedade catarinense.

Com seu comportamento, o senhor Colombo contraria toda moralidade pública. O serviço público não pode ser usado com interesses político-partidários. A moralização da Celesc passa pela mudança radical destas formas de administração. A empresa tem um objetivo a cumprir: dar atendimento de energia elétrica à população, promovendo o desenvolvimento e a distribuição de renda. Não é de promover candidatos ao governo do Estado.

Por tudo isto, certamente, não temos o mesmo entendimento do que é empresa pública que o senhor Raimundo Colombo. A Celesc desenvolve um papel importante na economia e renda dos catarinenses e tem que ser defendida por eles.

Sinergia elegeu representantes

Foram realizadas nesta terça-feira as eleições para representante sindical do Sinergia na Eletrosul e Celesc. Participaram do processo 894 eleitores pela Eletrosul e 867 pela Celesc. Entre votos nulos e brancos não se chegou a 2% do total apurado.

Foram escolhidos para a **ELETROSUL**:

Sede - Elizabete Catarina Tesser da Rocha, Vilma Nunes, José Antônio Souza, Albertina Brasiense Barcelos, Carlos Guilherme Rocha dos Santos e Daniel Manoel Daniel.

Sertão - Ézio Martins
UP Palhoça - Rogério Lang
UP Rocado - Wilson Martins
Para a **CELESC**:

Sede - Odilson Roberto Linhares. Édio Valentim da Silva, Luiz Paulo dos Santos, Paulo Francisco da Silva

Agência - Adécir Luiz de Santi, João Carlos Garcia

Almoxarifado Central - José Claudio Rocha

Subestações - Celso Luiz Ramos

Despacho de Carga - Sebastião Aurélio Marcos

DVOM/ Usina Garcia - Sidnei Carlos Martins

Escritório Tijucas - Otávio Neves

CEFA - Rinaldo Irineu de Souza

Biguaçu - Adilson Romualdo de Almeida

Palhoça - Marcos Aurélio Pereira

Dia 26 de agosto, às 18 horas, na sede do Sinergia, acontece a posse dos eleitos, com um coquetel, para o qual estão todos convidados.

EXPEDIENTE

Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina com tiragem de 7.500 exemplares. Diretor Responsável: Rosemeri Dolor Siqueira. Editores: Gastão Cassel (DRT/RS 6166) e Marli Cristina Scamazzon (DRT/RS4966). Ilustrações: Frank Maia. Diagramado e composto na Estação de Editoração Eletrônica do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis. Impressão: Gráfica do jornal O Estado. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP: 88015-030. Fone (0482) 22-3866 Telefax: (0482) 23-5596. Cartas para a Tribuna Livre não podem ter mais de 30 linhas, e sua publicação fica a critério dos editores. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

Parreira ou Telê?

A guerra é de audiência

Esta é a programação do Centro Integrado de Cultura até a próxima terça-feira, dia 24 de agosto. Os filmes programados integram a mostra do cinema francês. Os eletricitários, com a apresentação da carteira do Sinergia, têm direito a meia-entrada, conforme acordo entre o CIC e o Sinergia:

Quinta-feira, dia 19
19 horas - **Perdas e Danos (Damage/Fatale)**. Inglaterra/França, 1992. Direção de Louis Malle. Com Jeremy Irons, Juliette Binoche, Miranda Richardson, Rupert Graves, Leslie Caron e Ian Banne. Duração: 1h 50min - Filme baseado no romance "Dangerous" de Josephine Hart. Um parlamentar britânico (Irons), em carreira ascendente, tem um casamento perfeito, uma filha e um filho jornalista também em ascensão. De repente, vê-se tomado de desejo pela namorada do filho (Binoche). Malle, é o mais importante cineasta francês da atualidade.

21 horas - **A Bela Intrigante** (parte 1) - França 1990. Realização de Jacques Rivette; baseado na novela de Honoré de Balzac. Com Michel Piccoli, Jane Birkin, Emmanuelle Béart, Marianne Denicourt. Duração: 4 horas - Premiado em Cannes. Um pintor recebe um jovem pintor, acompanhado de sua amiga. Esta chegada faz com que o veterano pintor retome um quadro seu inacabado, que havia começado há 10 anos, tendo como modelo sua esposa. A jovem recém chegada serve de modelo para acabar o quadro. Começam aí os problemas de relacionamento entre os personagens.

Sexta-feira - 20 de agosto

19 horas - **Perdas e Danos**

21 horas - **A Bela Intrigante** (parte 2)

Sábado - 21 de agosto

19 horas - **Perdas e Danos**

21 horas - **Todas as Manhãs do Mundo** - França 1991. Diretor Alain Corneau. Com Joan-Pierre Marielle, Gérard Depardieu, Guillaume Depardieu, Anne Brochet, Caroline Sihol. Duração 1h 55 min - De 1660 a 1669, dois músicos se defrontam na Corte de Louis XIV, mas uma paixão comum pela verdadeira música irá aproximá-los...

Domingo - 22 de agosto

16 horas - **A Bela Intrigante**

20 horas - **Perdas e Danos**

22 horas - **Todas as Manhãs do Mundo**

Segunda-feira - 23 de agosto

21 horas - **Todas as Manhãs do Mundo**

Terça-feira - 24 de agosto

21 horas - **Todas as Manhãs do Mundo**

Paulo Brito
Professor jornalismo UFSC

Os jornalistas e radialistas esportivos massacram diariamente os que gostam de esporte com informações secundárias em suas manchetes, com explicações delirantes sobre contusões de jogadores e remotas negociações entre clubes, nem sempre bem apuradas. O comentarista da Globo, Juca Kfoury é bem crítico quanto a forma como é realizada a cobertura esportiva. "Os jornais apuram mal as informações, além de sempre usarem o fato de terem equipes pequenas e mal pagas como desculpa para a ausência de reportagens investigativas", afirma ele. "E a mídia eletrônica, além de também pagar baixos salários, é promíscua. Não se sabe mais o que é repórter e quem é corretor de publicidade".

Estas críticas estão numa matéria publicada na revista *Imprensa* com o seguinte título: "A Imprensa Esportiva Pisa na Bola", relatando um suposto envolvimento do presidente da Federação Paulista com alguns jornalistas esportivos. Esta relação promíscua entre a "crônica esportiva", dirigentes, jogadores e empresários têm como produto final uma informação que nem sempre pode ser considerada verdadeira. Eu diria fútil e frívola.

Há muitos interesses e sempre está em jogo uma soma de dinheiro, privilégios... Vejamos um caso atual: por que Telê? Não vou nem recuperar a memória de que o Telê perdeu duas Copas do Mundo (México e Espanha), tendo nas mãos uma geração de bons jogadores. Não vou lembrar que a perda da Copa da Espanha foi por causa - segundo a "crônica" - da falta de comando ou do mais simples dos fundamentos de qualquer disputa esportiva: como defender. Nós ainda vivemos na era de que jogador de defesa marca e que jogador de ataque só deve atacar.

Mas está por trás deste apelo - Telê, Telê! - um fato maior que é a

audiência da televisão em São Paulo. Telê, num flagrante delito ao exercício ilegal da profissão e de falta de ética, comenta para o SBT, a televisão do Sílvio Santos. Sua presença derruba a audiência da TV Globo no maior mercado publicitário do país, nem mesmo a presença de Pelé consegue equilibrar os índices do IBOPE em São Paulo. O mesmo acontece com a TV Bande-



rantes com Luciano do Valle e Jarez Soares. O afastamento de Parreira levaria Telê de volta ao comando da seleção, afastando assim o fantasma da perda de audiência.

Além disso há o envolvimento emocional e a tradição cultural de se colocar no treinador a culpa de todas as derrotas ou de maus resultados. As vagas nas eliminatórias sempre foram "suadas", difíceis e sempre decididas no último jogo no Maracanã. Os adversários sempre dificultaram e agora mostram uma evolução, que para muitos surpreende e para outros é inacreditável, até mesmo para a "crônica" que deveria estar bem informada. O América de Cali, Colômbia, foi campeão da Libertadores e disputou um mundial no Japão. A Universidade Católica do Chile perdeu de goleada para o São Paulo, mas mostrou um belo futebol e venceu o jogo em Santiago. A Argentina sempre revelou bons jogadores e seus últimos resultados demonstram que continuam bons. A Bolívia, vamos dizer que surpreende, mas é bom lembrar que a inflação anual lá é menor do que a nossa inflação mensal. Isto ajuda.

Eu posso ter restrições sobre um ou outro nome que o Parreira escolheu, mas a responsabilidade é dele, ele tem suas preferências, tem suas

idéias. Como seria com Telê? Será que o Jô Soares não iria gritar de novo: "Bota ponta Telê"?

Nestes anos todos eu não recordo da torcida e dos palpiteiros terem errado um único pênalti, um chute, uma defesa. Os torcedores nas arquibancada e nas poltronas acham tudo fácil. Acham que todos os árbitros são ladrões, mal intencionados, corruptos, os dirigentes

burros e tudo isso é condicionado pela "crônica", que na sua promiscuidade é derrotista e distorce os fatos. O jornalista Ricardo Kotcho conta que quando passou pela editoria de esportes foi cobrir um jogo entre São Paulo e Portuguesa. Ganhou a Portuguesa. Como são paulino ele resolveu escrever a crônica do jogo fa-

lando de como o São Paulo perdeu a partida e em nenhum momento descreveu como a Portuguesa venceu. Assim agem os nossos cronistas esportivos: o adversário não joga, o adversário é sempre um bando de pernas-de-pau, enquanto que a seleção brasileira é sempre a melhor, tem o melhor futebol do mundo, mas não ganha títulos desde 70. Assim a culpa é sempre do treinador, seja ele quem quer que seja. Afinal, nós somos superiores, assim como os paulistas são superiores aos cariocas e estes superiores aos paulistas, sem falar nos gaúchos, mineiros, baianos, etc...

Mas a guerra agora não é bem a disputa das eliminatórias, mas sim a guerra de audiência da TV, que interfere especialmente no imaginário coletivo.

As vitórias da seleção não irão diminuir a inflação, aumentar o salário, dar comida e emprego para quem não tem, no máximo esconder a realidade da vida brasileira por alguns dias. Imaginem perdermos para os bolivianos que têm inflação baixa, que tem salários melhores, que não matam crianças na rua, que não passam fome. Nós não sabemos nem votar. Quem elegeu o Collor não pode escolher treinador.